

Segregação: tu és aquele que...

Clarice Medeiros

Resumo

O presente artigo tem como objetivo produzir uma reflexão e uma compreensão sobre os processos de segregação contemporâneos, tendo como referencial teórico a psicanálise. A partir das noções de fraternidade, identificação, narcisismo, discurso e gozo, encontramos pontos fundamentais para a compreensão da relação do sujeito com o outro, que geram efeitos segregacionistas. A constituição subjetiva perpassa a relação com outro, que é permeada de amor e de ódio. A produção da diferença é essencial para a constituição subjetiva e, se ela desaparece, o sujeito tende a recorrer à pulsão de morte, à pequena diferença identitária como modo de se situar no laço social. A formação das identidades é correlata aos fenômenos de segregação, que porta o engodo de acreditar que possa resguardar o modo de gozo próprio atacando o do outro. Tais fenômenos exigem do psicanalista uma posição ética, baseados no amor de transferência, que permitirá um enlaçamento com o outro sustentado pela vida, e não pela morte.

Palavras-chave:

Segregação; Mal-estar; Narcisismo; Gozo; Psicanálise.

Segregation: you are the one who...

Abstract

This article aims to produce a reflection and understanding of contemporary segregation processes using psychoanalysis as a theoretical framework. From the notions of fraternity, identification, narcissism, discourse and jouissance, we find fundamental points for understanding the subject's relationship with the other, which generate segregationist effects. The subjective constitution permeates the relationship with the other, which is permeated with love and hate. The production of difference is essential for the subjective constitution and if it disappears, the subject tends to resort to the death drive, to the small identity difference as a way of situating himself in the social bond. The formation of identities is correlated to the phenomena of segregation, which carries the deception of believing that one can protect one's own mode of enjoyment by attacking that of the other.

Such phenomena require an ethical position from the psychoanalyst, based on transference love, which will allow a connection with the other sustained by life and not by death.

Keywords:

Segregation; Malaise; Narcissism; Jouissance; Psychoanalysis.

Segregación: és tu que...

Resumen

Este artículo tiene como objetivo producir una reflexión y comprensión de los procesos de segregación contemporáneos utilizando el psicoanálisis como marco teórico. A partir de las nociones de fraternidad, identificación, narcisismo, discurso y goce, encontramos puntos fundamentales para comprender la relación del sujeto con el otro, que generan efectos segregacionistas. La constitución subjetiva impregna la relación con el otro, que está impregnada de amor y de odio. La producción de diferencia es esencial para la constitución subjetiva y si desaparece, el sujeto tiende a recurrir a la pulsión de muerte, a la pequeña diferencia identitaria como forma de situarse en el vínculo social. La formación de identidades está correlacionada con los fenómenos de segregación, que conlleva el engaño de creer que se puede proteger el propio modo de disfrute atacando el del otro. Tales fenómenos requieren una posición ética del psicoanalista, basada en el amor de transferencia, que permita una conexión con el otro sustentada en la vida y no en la muerte.

Palabras clave:

Segregación; Malestar; Narcisismo; Gozo; Psicoanálisis.

Ségrégation : c'est toi qui...

Résumé

Cet article vise à produire une réflexion et une compréhension des processus de ségrégation contemporains en utilisant la psychanalyse comme cadre théorique. Des notions de fraternité, d'identification, de narcissisme, de discours et de jouissance, on retrouve des points fondamentaux pour comprendre le rapport du sujet à l'autre, qui génèrent des effets ségrégationnistes. La constitution subjective imprègne la relation à l'autre, qui est imprégnée d'amour et de haine. La production de différence est essentielle à la constitution subjective et si elle disparaît, le sujet tend à recourir à la pulsion de mort, à la petite différence identitaire comme

manière de se situer dans le lien social. La formation des identités est corrélée aux phénomènes de ségrégation, porteurs du leurre de croire qu'on peut protéger son propre mode de jouissance en s'attaquant à celui de l'autre. De tels phénomènes nécessitent une position éthique du psychanalyste, fondée sur l'amour transférentiel, qui permettra une connexion à l'autre soutenue par la vie et non par la mort.

Mots-clés :

Ségrégation ; Malaise ; Jouissance ; Narcissisme ; Psychanalyse.

Introdução

O presente trabalho é um desdobramento de um projeto de iniciação científica da Universidade Veiga de Almeida nomeado “Constituição subjetiva e o ser de objeto”, apresentado em 2021. A discussão acerca da segregação a partir de fenômenos contemporâneos se efetuou, em um primeiro momento, com a leitura e o debate sobre as formas como o mal-estar se apresenta atualmente, tendo como exemplo atos individuais e coletivos de racismo, lgbtqia+fobia, xenofobia, entre outros. Freud (1930/1996) defende que a civilização entra em cena como uma tentativa de regular as relações sociais, e, caso isso não ocorra, os relacionamentos ficariam suscetíveis às vontades arbitrarias de cada um. O poder da comunidade se sobrepõe à força individual, e essa substituição constitui um passo decisivo para a civilização, por restringir as possibilidades de satisfação própria. O passo seguinte no desenvolvimento cultural é o da instauração de uma lei que incida sobre todos, e não como expressão da vontade de um pequeno grupo. A liberdade individual, isto é, a livre satisfação pulsional, vai na contramão do processo civilizatório. A “frustração cultural” (Freud, 1930/1996, p. 104) domina grande parte dos laços sociais e, por isso mesmo, “é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar” (Freud, 1930/1996, p. 104). Freud (1930/1996) adverte que, se essa perda não for economicamente compensada, consequências importantes advirão.

A humanidade tem uma poderosa cota de agressividade, que ameaça constantemente a vida em comunidade. Essa inclinação à agressividade, presente em todos, é o fator que perturba os relacionamentos e pode fomentar a desintegração das sociedades (Freud, 1930/1996). A agressividade é provocada na relação imaginária e dirigida ao outro, e pode ser recalcada por ser do campo do significante, diferentemente da violência. Como explicita Lacan (1957-1958/1999, p. 471): “Se o que é da ordem da agressividade chega a ser simbolizado e captado pelo mecanismo daquilo que é o recalque, (...), daquilo que é analisável, e até, de maneira geral, daquilo que é interpretável, é por intermédio do assassinato do semelhante que está latente na relação imaginária.” Nessa esteira de pensamento, Lacan (1959-

-1960/2008) formaliza que o gozo é um mal, porque comporta o mal do próximo; seria, assim, um estar mal na civilização, na medida em que essa pressupõe o movimento de Eros e a contenção das pulsões destrutivas. As formações grupais concedem às pulsões agressivas e destrutivas um escoadouro para a hostilidade. Freud (1930/1996, pp. 118-119) elucida que “é sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade”.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/1996) anunciava que a identidade grupal é construída por meio de uma série de identificações entre os membros de um grupo e seu líder. O grupo cria uma identidade para si homogênea e que apaga as diferenças. Ao se formar um grupo homogêneo e identitário, a diferença é localizada no outro, que se torna objeto de ódio e de repúdio. A construção da identidade e o papel da identificação na constituição subjetiva serviram como subsídios para pensar os fenômenos de segregação, posto que o outro é tomado como ameaçador e/ou objeto de ódio.

O grafo do desejo (Lacan, 1957-1958/1999) apresenta a constituição subjetiva, sendo sempre relacionada com o Outro e o outro (simbólico e imaginário). O sujeito, para se constituir, precisa ser marcado pelo significante, cujo preço é o desaparecimento do ser. Por meio do ideal, surge uma identidade, de caráter paradoxal, pois, ao mesmo tempo que o localiza como um “eu sou”, também o aliena ao Outro, “eu sou o outro”. Tanto pelo significante quanto pela imagem, o sujeito encontra-se alienado ao Outro e prisioneiro dos ideais. Ao enunciar um “eu sou”, cria-se, em um só golpe, uma identificação e uma identidade. É nesse lugar que comparece o “tu és”, como uma voz que localiza o sujeito e também o aliena. “Tu és negro”, “Tu és gay”, entre outros, situa o sujeito em uma identidade, deixando-o submetido aos olhares e dizeres do outro, permitindo a construção da imagem de si, seu próprio eu, ao passo que institui uma diferença — eu sou assim, o outro, não. É importante sinalizar que a operação de alienação, para psicanálise, é um tempo fundamental para a constituição do sujeito, e não um processo patológico. A outra operação que lhe é correlata é a da separação, em que o sujeito pode advir em sua singularidade e como desejante.

Malcher (2018) define que, etimologicamente, segregar significa separar do rebanho. Esse se configura como um grupo que compartilha preceitos, ideais, ou seja, há um laço emocional que os une. A identificação que permite agregar também é o que separa. Ao me identificar com um, eu também me diferencio do outro; desse processo nascem os grupos. Por essa razão, a segregação configura-se como um efeito político e social do discurso, pois o que está em jogo nessa prática é um viver como o outro, e não um viver com o outro (Fontenelle, Souza, & Lima, 2018).

Postas tais ideias preliminares, o presente trabalho tem por objetivo refletir acerca do fenômeno da segregação, tão manifesto nos dias atuais, tendo como aporte teórico a psicanálise.

Segregação e fraternidade

Lacan (1967a/2003, 1967b/2003) advertiu sobre a expansão do fenômeno de segregação nos anos posteriores em função do avanço da sociedade capitalista e do discurso da ciência — aspectos que serão retomados mais adiante. Indica que na base dos processos de segregação está a fraternidade. Em suas palavras: “Só conheço uma origem da segregação (...) é a fraternidade”; seguindo: “na sociedade, tudo o que existe se baseia na segregação, e a na fraternidade em primeiro lugar” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 120). A segregação comparece como efeito do ato mítico que institui o laço fraterno: o assassinato do pai da horda primitiva e a identificação entre os irmãos (Lacan, 1969-1970/1992).

A respeito da fraternidade, Birman (2003, p. 96) considera que a leitura psicanalítica “implica também considerar suas dimensões ética e política”, pois haveria uma restrição da concepção psicanalítica sobre o laço fraterno, tomando-o apenas no registro edipiano ou no do fantasma. Porém, em sua opinião, é preciso apreendê-la não apenas no registro da rivalidade como em sua positividade. A fraternidade rivalitária e mortífera está ligada a uma disputa entre os irmãos pelo amor do pai. Nesse sentido, a ênfase desloca-se para o lugar que a figura do pai ocupa nessa cizânia. O pai ocupa, na obra freudiana, diversas posições. Em um primeiro tempo, aparece como sedutor. Em um segundo momento, quando Freud escreve sua famosa carta a Fliess, dizendo que não acredita mais em sua neurótica, a figura do pai sofre um deslocamento, que passa a ocupar o lugar do Salvador. Já em *Totem e tabu*, Freud (1913/1996) apresenta o mito da constituição da sociedade, em que há o assassinato do pai por seus filhos. Esses, sentindo-se fragilizados diante da potência paterna e ameaçados de morte caso desejassem desfrutar do gozo com as mulheres da horda originária, decidiram reunir suas forças incipientes e matar o pai. Constituíram, desde então, uma associação fraternal, baseada na solidariedade entre os irmãos, porém, ao preço de estarem sempre à sombra do pai, pois aquele que pretendesse ocupar tal posição originária teria o mesmo destino: a morte. A figura assassinada do pai erigida por meio do totem seria sempre evocada como destino possível para todo aquele que quisesse pretender o monopólio do gozo e o poder absoluto na sociedade dos irmãos (Birman, 2003). Com a enunciação da pulsão de morte em 1920, outro lugar ao pai é apresentado por Freud. O pai falha e é incapaz de proteger o filho dos infortúnios; contra a imperatividade pulsional, o pai falha: “A força pura da pulsão, destituída de qualquer articulação pelos objetos de satisfação e sem contar a hegemonia reguladora do princípio do prazer, se evidenciaria pelas figuras eloqüentes do excesso e da inten-

sidade” (Birman, 2003, p. 101). A condição desamparada da subjetividade realiza um apelo desesperado de proteção, que passa a ser feito pelo sujeito à figura do pai falho e faltante, que se inscreve no psiquismo pelos registros do pai ideal e do supereu. É nesse cenário teórico que Freud sinaliza que haveria na neurose uma nostalgia do pai. Desse modo, a fraternidade, fundada tanto na figura do pai ideal quanto no supereu, “seria uma defesa crucial contra a condição de desamparo do sujeito, constituindo apenas uma de suas modalidades” (Birman, 2003, p. 107). Em outros termos, “a busca pelo amor exclusivo do pai, na condição fundamental de desamparo do sujeito e da inexistência da figura do pai protetor, produziria como consequência a competição mortal entre os irmãos” (Birman, 2003, p. 107).

Na opinião de Birman (2003), a atualidade vem apresentando a constituição das novas modalidades de laço fraterno como um imperativo ético e político, nos registros ao mesmo tempo individuais e coletivos. O desamparo é o paradigma da subjetividade contemporânea, pois foi o preço que pagamos por termos assumido o poder de desafiar o pai nos registros simbólico e político. Diante do desamparo, o sujeito apela por uma proteção, mas se submete e se voluntaria à servidão. Em resposta à ausência paterna que se apresenta na contemporaneidade, o sujeito recorre à figura do irmão, constituindo, dessa forma, os grupos identitários. A formação dos grupos identitários, pautados no laço fraternal, vem fazer uma suplência à ausência do pai protetor. Com isso, o laço fraterno, com frequência, passa a assumir a face de uma ferocidade rivalitária — nós *versus* os outros, na qual a figura paterna também se esvazia de autoridade simbólica, reduzindo-se ao registro brutal da força.

Nesse sentido, Fuks (2007) reconhece que se, por um lado, o ódio àquele que é estrangeiro e estranho é constitutivo dos grupos sociais, quando comparece de forma excessiva tem como principal consequência o fenômeno da segregação. Na relação do sujeito com o outro, o ódio apresenta-se como sendo anterior ao amor. Em sua face positiva, o ódio auxilia na construção da realidade exterior, ao fundar e introduzir a diferença entre o eu e o outro e entre as comunidades. O narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 1930/1996, p. 119), que funciona para salvaguardar a fronteira entre o eu e o outro/nós, passa a impulsionar o ódio à diferença dirigida ao outro. O amor é direcionado ao “nós”, aquele que é como eu, e o ódio, àquele que é diferente de “nós”.

É importante ressaltar ainda que, tal como Fuks (2007) sinaliza, há um conflito inevitável entre agregar e segregar, tolerância e intolerância. Para a autora, psicanaliticamente, tolerar é, primeiro, o ato de cada um admitir sua própria intolerância ao diferente; segundo, pagar o preço de sua própria singularidade, ao aceitar sua própria estranheza; terceiro, poder ocupar o lugar de estranho, diferente, para um outro que pode nos ver como ameaçador ou como aquele que pode vir a ajudá-lo; quarto, reconhecer e acolher aquilo que escapa à semelhança, ao idêntico;

e, por fim, “saber que a tolerância diante do intolerável — o assassinato do outro — termina sempre em catástrofe” (Fuks, 2007, p. 71).

Discurso e gozo

Com o intuito de elucidar os fenômenos de segregação contemporâneos, precisamos, primeiramente, adentrar, mesmo que brevemente, a noção de discurso (em especial o discurso capitalista e o científico) e de gozo, tal como formalizados pelo psicanalista Jacques Lacan.

Para se constituir e poder estar no laço social, é preciso que o sujeito realize uma renúncia de gozo, cuja contrapartida é uma busca da recuperação pulsional pelo laço com o outro. Malcher (2018) explica que a exploração do gozo está subjacente ao crescimento dos processos de segregação, e esse processo produz impactos subjetivos em função da aliança entre ciência e capitalismo. Para compreendermos tal enunciação, precisamos nos debruçar, primeiro, sobre a noção de discurso e, mais especificamente, sobre o discurso do capitalismo.

O discurso é correlato à noção de estrutura, mas é um discurso sem palavras, porque se trata de letras que engendram, em seus respectivos lugares, operações e efeitos. Lacan (1972, p. 20) assinala que “o discurso, o que é... é o que no ordenamento do que pode ser produzido pela existência da linguagem, faz função de laço social”. Um discurso é sem fala e detém os meios de gozar, na medida em que implica o sujeito, já que ele é um de seus termos, e também o dispensa de sustentar o que ele próprio enuncia: “o mais de gozar é uma função de renúncia de gozo sob efeito do discurso” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 17).

Lacan (1968-1969/2008) produz uma equivalência entre o mais-de-gozar e a mais-valia de Karl Marx. Em sua leitura, o que há de novo no pensamento de Marx é existir um discurso que articula a renúncia e que evidencia o mais-de-gozar: “desde o momento em que o mercado define como mercadoria um objeto qualquer do trabalho humano, esse objeto em si carrega em si algo da mais-valia” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 19). No discurso do mestre, o saber está do lado do outro, do escravo, que detém o saber sobre os meios de produção. Esse saber é um meio de gozo, porém o trabalho é de outra ordem, pois “nenhum trabalho jamais engendrou um saber” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 83). O escravo, por mais que detenha o saber sobre o produto, precisa assimilar uma perda por sua própria entrada no discurso; “é isto (...) que o senhor tinha que fazer o escravo pagar, como único possuidor dos meios de gozo” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 83). O senhor se conformava com o pagamento desse pequeno dízimo, esse mais-de-gozar. O mais-de-gozar se apreende como valor a registrar ou a ser deduzido da totalidade acumulada, e o trabalhador passa a ser equiparado a essa unidade de valor. Torna-se possível afirmar que essa transferência de parte das horas de trabalho do operário para o senhor capitalista funciona como uma renúncia ao gozo, uma

perda pelo proletário da possibilidade de usufruir de parte dos produtos de seu trabalho. Para haver laço social na relação senhor-escravo, é preciso que o escravo renuncie ao gozo, senão ele não sobrevive.

A perda de gozo sofrida pelo sujeito tem como contrapartida uma recuperação desse gozo em outro nível. Nomeia-se mais-gozar esse gozo paradoxal, gozo obtido precisamente no próprio ato de renunciá-lo. No discurso do capitalista, o que está em jogo é o gozo. Trata-se de um discurso que se retroalimenta: é o gozo da compulsão. Dessa forma, Lacan (1972, pp. 17-18) afirma que, no discurso do capitalista, ele “anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consoma”, e se configura por ser algo “loucamente astucioso” e, por isso mesmo, está “destinado a explodir”, por ser insustentável. Encontramos nesse discurso uma “tentativa” de completude, de gozo total... o discurso de uma com-pulsão incessante, que consome e some com o sujeito, por ter seu caráter massivo e homogeneizador, é um discurso que se fecha em círculo.

No discurso capitalista, no qual não há laço social, essa espoliação do gozo é encoberta, e tudo se passa como se o trabalhador recebesse por sua jornada o preço justo. O que há de original no sistema capitalista é o modo como a mais-valia passa a funcionar em seu interior: em vez de ser entesourada pelo capitalista ou revertida por ele em bens para consumo próprio, a mais-valia ingressa em um processo infinito de conseguir mais-valia. Marx denuncia esse processo de espoliação do gozo com a noção de mais-valia. Trata-se, antes, de uma finalidade infinita, de um processo sem ponto de basta e sem limitações. O gozo vai gradualmente se acumulando, produzindo efeitos, mas sem que ninguém possa dele se apossar integral e efetivamente. Trata-se de “um a mais de gozo que vai se somando e promovendo efeitos sobre os sujeitos, que, no entanto, padecem de um gozo a menos...” (Lustoza, 2009, p. 46).

Capitalismo e ciência originam-se no mesmo golpe e seguem juntos, buscando uma homogeneização. Em “A ciência e a verdade”, Lacan (1965-1966/1998) considera que é impensável que a psicanálise, como prática e descoberta do inconsciente, tivesse lugar antes do nascimento da ciência. Com isso, extrai a concepção de que o sujeito que a psicanálise opera é o mesmo da ciência. Ao descrever o sujeito da psicanálise como correlato ao da ciência, Lacan (1965-1966/1998) resalta um paradoxo: a ciência, ao mesmo tempo que se esforça para suturá-lo e tirá-lo de seus registros, vê-se diante da impossibilidade de fazê-lo. Em razão disso, afirma que a ciência foraclui o sujeito, como na operação que ocorre na psicose, em que há a forclusão do Nome-do-Pai. O discurso científico produz uma *verwerfung* do vazio, de modo que propõe ter um ideal absoluto e sem falhas (Lacan, 1959-1960/2008). A singularidade tende a ser rechaçada, uma vez que não se coaduna com a lógica da massa, exigida pela produção e pelo consumo capitalista. Cria-se uma ancoragem de um gozo para todos, indiferenciado, ao ponto de

a própria singularidade ser oferecida como mercadoria (produtos personalizados, seja sua melhor versão!).

Desse modo, a segregação comparece como marca de nossa cultura por essa tendência à universalização, enganosa, de acesso ao gozo (Malcher, 2018). Como efeito dos discursos da ciência e do capitalismo, produz-se uma lógica homogeneizante, cuja contrapartida é a segregação de corpos, pensamentos e discursos desviantes (Fontenelle, Souza, & Lima, 2018).

Empuxo à segregação

Tomar o outro como objeto da pulsão de morte é inerente ao laço social, “uma dimensão incurável da relação com o Outro” (Malcher, 2018, p. 48). No fundamento da segregação está a diferença, aquilo que não reconheço como sendo meu, mas encontro no outro, não criando uma identificação (Malcher, 2018). Para Freud (1921/1996), o sentimento social se baseia na inversão do sentimento hostil em uma tonalidade positiva por via da identificação e é propiciado sob a influência de um vínculo afetivo comum com uma pessoa fora do grupo, o líder. O indivíduo, ao se agrupar, substitui seu ideal do eu particular pelo eu grupal, e os outros membros do grupo são arrastados ao mesmo processo pela identificação. A exigência de tratamento igualitário se aplica somente aos membros do grupo e poupa o líder: o amor ao outro não faz parte; o líder não ama ninguém, ele é narcisista.

Diferentemente de Freud, que pensa o laço social a partir da identificação, Lacan propõe a renúncia pulsional, a qual fundamenta a formalização dos discursos. A humanidade comporta um gozo deslocado e desconhecido, o que firma todo laço social. Desse modo, o crime fundador não é o assassinato do pai, mas a vontade de assassinar aquele que encarna o gozo rejeitado. Na leitura de Lacan, a instalação desse discurso não demarca propriamente uma hierarquia, pois mais se assemelha a uma troca de palavras entre pares, eu e tu. Para Lacan (1971/2009, p. 28), a questão era saber se “as pessoas ainda teriam seu pedacinho [de mais de gozar], e foi isso mesmo que bastou para provocar esse efeito de identificação”. Cada um procura seu pedacinho de mais de gozar, cada pedacinho de gozo que lhe seria de direito. E isso está presente em todas as formas de segregação. De modo sintético, cada discurso é uma ordenação do gozo, que procura se instituir, fazer funcionar, captar os indivíduos em sua ordem, de modo que entre eles há uma rivalidade, uma intolerância. Todos querem e reivindicam um pouco de satisfação (Soler, 1998).

A segregação refere-se a uma não aceitação do gozo do outro, de modo que o que encontramos hoje é mais próximo de um choque de gozos do que de civilizações, como foi vivenciado nas grandes guerras. É interessante notar que, na medida em que as diferenças vão sendo apagadas, o contragolpe é a propagação dos processos de segregação. Desse modo, a concepção freudiana de narcisismo das pequenas diferenças ilustra a diminuição das diferenças, engendrando um

empuxo à segregação. Comenta Malcher (2018, p. 48): “é como se houvesse estruturalmente no psiquismo uma necessidade de localização no outro para que eu possa me localizar em algum laço”.

A esse respeito, Lacan (1957-1958/1999) assinala que o que sustenta o processo de identificação é o preceito cristão de amar o próximo “como tu mesmo”. O autor trabalha esse pedaço do mandamento, “como tu mesmo”, revelando uma simetria — enganosa — entre o eu e o Outro, ou seja, há um rebaixamento do Outro à categoria de objeto e, como tal, passível de ser odiado e destruído; seria um prolongamento de “como tu mesmo... tu és...”. Em francês, há uma homofonia entre “tu es” e “tu hais” (demanda de morte), denotando um circuito fechado de tu és aquele a quem odeias na demanda de morte: “tu és aquele que me, tu és aquele que me, tu és aquele que me mata” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 483). O outro, como diferente, apresenta-se como ameaçador, como aquele que pode tomar do indivíduo sua cota de gozo de suposto direito. Engendra-se uma lógica da sobrevivência, ou eu, ou o outro, já que todos não podem gozar.

Conclusão

A produção da diferença é essencial para a constituição subjetiva. Se ela não é estabelecida, o sujeito tende a recorrer à pulsão de morte, à pequena diferença identitária como modo de se situar no laço social. Ao segregar, há um empuxo à formação das identidades, que assujeitam os corpos e podem produzir sofrimento, por vezes por uma sensação de não pertencimento a um laço social e não reconhecimento pelo outro. O engodo da segregação é acreditar que possa ser possível resguardar o modo individual de gozo atacando o do outro.

Isso exige uma posição ética do psicanalista, que precisará produzir um giro discursivo do mandamento católico “não matarás”, e no qual se apoia grande parte das sociedades ocidentais modernas, para o de “farás de tudo para que o Outro viva” (Fuks, 2016). Tal torção só se torna possível quando o sujeito, quando cada um, permite-se reconhecer habitado por uma cota de ódio, de empuxo à destruição e à crueldade, a qual merece sempre atenção e vigilância. Na opinião da autora, esse seria um possível “antídoto contra o usufruto do gozo mortífero de assassinar e de se manter indiferente para com a morte do outro” (Fuks, 2016, p. 116).

Lacan (1957-1958/1999) comenta que isso parece deixar Freud horrorizado, pois, cada vez que ele se debruça sobre o mandamento do amor ao próximo, o que emerge é essa maldade profunda que habita o próximo e nós mesmos. O gozo do outro é interpretado como nocivo e maligno, impondo a cada um uma barreira e problema ao amor. Eis a questão elaborada por Lacan (1957-1958/1999, p. 228): “ou bem eu recue diante da traição de meu próximo para poupar meu semelhante, ou bem que eu me abrigue detrás de meu semelhante para renunciar a meu

gozo próprio”. O mandamento de amar ao outro como a si próprio impõe uma resistência, pois entrava o acesso ao gozo. O recuo ao amar ao próximo como a si mesmo expõe algo que participa de uma crueldade intolerável. Nesse sentido, amar ao próximo pode ser uma via cruel também.

Desse modo, a segregação deve ser pensada no campo social e também no âmbito subjetivo. São as manifestações clínicas de amor e de ódio ao outro que adentram os noticiários, os dispositivos de saúde e os consultórios. A psicanálise responde a isso em uma posição ética. Não se trata aqui de uma ética humanitária, de um amor e Bem Supremo, como Lacan observa, pois, por mais que isso seja demandado aos analistas, esses sabem que o Bem Supremo não existe. Essa demanda de amor totalitária e de Bem Supremo só encontra um falso bem. Diferentemente do parceiro do amor, o que cada psicanalista tem a oferecer é seu desejo, e essa é sua medida de ação. O polo do desejo se opõe ao registro da ética tradicional, da moral e do amor humanitário. Lacan (1959-1960/2008, p. 373) adverte que, “pois, se é preciso fazer as coisas pelo bem, na prática, deve-se deveras sempre se perguntar pelo bem de quem” e adiante “fazer as coisas em nome do bem, e mais ainda em nome do bem do outro, eis o que está bem longe de nos abrigar não apenas da culpa, mas de todo tipo de catástrofes interiores”.

Se a psicanálise trabalha na contramão da segregação, sustentando o amor de transferência como motor de análise, cabe a cada analista suportar a diferença em sua prática, dando lugar ao desejo e à singularidade. O desejo é, aqui, o que suporta o inconsciente, o que permite a construção de um destino particular. É preciso pagar com alguma coisa para estar em sociedade, na civilização, na cultura, e essa alguma coisa é o gozo.

Referências bibliográficas

- Birman, J. (2003). Fraternidades: destinos e impasses da figura do pai na atualidade. *Physis: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 13(1), 93-114.
- Fontenelle, T., Souza, L., & Lima, M. (2018). A segregação em Lacan cinquenta anos depois. *Psicologia Clínica*, 30(3), 493-505.
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira ds obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8, pp. 142-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). Mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

- Fuks, B. (2007). O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Psicologia Clínica*, 19(1), 59-73.
- Fuks, B. (2016, julho/dezembro). Da guerra e da morte – temas da atualidade – de Sigmund Freud: um século depois. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 7(2), 110-117.
- Lacan, J. (1972). *Do discurso psicanalítico – conferência em Milão*. Recuperado de <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1965-1966)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2003). A proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 570-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967a)
- Lacan, J. (2003). Alocação sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967b)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lustoza, R. Z. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora*, Rio de Janeiro, XII(1), 41-52.
- Malcher, F. (2018). Capitalismo, diferença e gozo: a produção de efeitos de segregação. In Cardoso & Herzog (Org.), *Diferença e segregação* (pp. 45-62). Curitiba: Appris.
- Soler, C. (1998). Sobre a segregação. In Bentes & Gomes (Org.), *O brilho da infelicidade* (pp. 43-54). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Universidade Veiga de Almeida (2021). *Cadernos PIC-UVA: resumos expandidos da XVIII Semana de Iniciação Científica*. Recuperado de <https://ojs.uva.br/index.php/revista-picuva>

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023